



RELEVÂNCIA DAS FÁBULAS INFANTIS NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

REIS, Edelice da Silva. **Relevância das fábulas infantis na aprendizagem das crianças**. Florianópolis: Id Acadêmico, 2024.

RESUMO

A fase em que se constroem todos os hábitos, ou seja, a infância, é o tema que este artigo propõe. Nesse contexto, a literatura infantil se apresenta como um caminho que permite à criança explorar a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Por meio das narrativas lidas pelas próprias crianças ou contadas por seus educadores, elas têm a oportunidade de vivenciar estados emocionais distintos daqueles que a realidade pode oferecer. Assim, a presença da literatura infantil tanto na escola quanto no lar atua como um forte incentivo ao aprendizado da leitura. Os contos de fadas experimentados na infância promovem o desenvolvimento global das crianças. Contar histórias para uma criança é uma maneira de expressar carinho. Um gesto tão simples tem o poder de fomentar o desenvolvimento psicológico, cultural, emocional e cognitivo. A criatividade também é estimulada, permitindo que a criança desenvolva sua imaginação e fantasia. As narrativas infantis proporcionam à criança um modo lúdico de aprender e contribuem para a formação do ser humano. O objetivo deste trabalho é evidenciar a influência dos contos de fadas na formação infantil. A pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica com ênfase na análise qualitativa, apoiando-se em autores como Machado, Maricato e Lajolo, entre outros, a fim de construir um breve histórico da literatura infantil e dos contos de fadas, demonstrando seu valor fundamental para o desenvolvimento da criança.

Palavras-chaves: Literatura Infantil. Contos de Fadas. Imaginação. Desenvolvimento da Criança.

SUMMARY

The phase in which all habits are built, that is, childhood, is the theme that this article proposes. In this context, children's literature presents itself as a path that allows children to explore their imagination, emotions and feelings in a pleasurable and meaningful way. Through narratives read by the children themselves or told by their educators, they have the opportunity to experience emotional states that are different from those that reality can offer. Thus, the presence of children's literature both at school and at home acts as a strong incentive to learn to read. Fairy tales experienced in childhood promote the global development of children. Telling stories to a child is a way of expressing affection. Such a simple gesture has the power to foster psychological, cultural, emotional and cognitive development. Creativity is also stimulated, allowing the child to develop their imagination and fantasy. Children's narratives provide children with a playful way of learning and contribute to the formation of human beings. The objective of this work is to highlight the influence of fairy tales on children's education. The research is based on a bibliographical review with an emphasis on qualitative analysis, relying on authors such as Machado, Maricato and Lajolo, among others, in order to construct a brief history of children's literature and fairy tales, demonstrating their fundamental value for child development.

Keywords: Children's Literature. Fairy Tales. Imagination. Child Development.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca realizar uma análise sobre a relevância dos contos de fadas na formação infantil, avaliando como essas narrativas contribuem para o crescimento social, emocional e cognitivo da criança. Através de uma investigação bibliográfica, o artigo explanará as raízes dos contos de fadas, seu impacto na literatura voltada para crianças e a grandiosa relevância que possuem, especialmente em estimular a imaginação e o prazer pela leitura desse tipo de material. Fundamentais para a apropriação de conhecimentos, diversão, informação e a interação necessárias para o ato de ler.

Observa-se que a literatura, assim como toda cultura criativa e crítica, não está sendo aproveitada em sua plenitude nas instituições de ensino, muito em função da escassa formação dos educadores.

A formação educacional, lamentavelmente, não prioriza a leitura, e essa é uma situação paradoxal, uma vez que, de acordo com Machado(2001, p.45), "não se contrata um instrutor de mergulho que não sabe mergulhar; no entanto, as salas de aula brasileiras estão repletas de indivíduos que, apesar de não lerem, tentam ensinar". Como educadores, acreditamos que as narrativas destinadas às crianças, incluindo os contos de fadas, podem proporcionar uma infância marcada pela magia.

Essa magia que toca e estimula os sentimentos.

Também concordamos com a ideia de que, por meio das narrativas, as crianças têm a chance de expandir, transformar e enriquecer suas próprias experiências de vida, pois ouvir e ler histórias é adentrar um mundo fascinante, repleto de surpresas, quase sempre muito interessante e encantador, que diverte e ensina.

A interação com narrativas, especialmente com as fábulas, permite à criança explorar aprendendo enquanto mergulha em um universo de criatividade, ilusões e devaneios.

Em síntese, será demonstrado que, além de cativar os pequenos, as fábulas têm sido empregadas ao longo da história e são de significativa importância no crescimento das crianças na fase da educação infantil.

A LITERATURA INFANTIL

A expressão literatura é intransitiva e, qualquer que seja o adjetivo que a acompanhe, representa arte e prazer. Assim, a expressão infantil vinculada à literatura não implica que ela foi criada exclusivamente para crianças. Na realidade, a literatura infantil é aquela que, de alguma forma, reflete os desejos do leitor e com a qual ele se identifica. Esta forma de literatura se baseia em contos que conquistaram o público jovem ao longo de diferentes épocas, pois, ao superarem diversos testes de recepção, oferecem referências valiosas à criança. O gênero se solidificou no século XVII, período em que transformações na estrutura social desencadeiam impactos no campo artístico. Ele se divide em duas fases: a escrita e a lendária. A narrativa lendária surgiu da necessidade das mães de interagir com seus filhos, de contar sobre as coisas que os cercavam, sendo essa história apenas falada, sem registro por escrito.

As primeiras obras literárias para crianças apareceram no século XVII, quando histórias que antes eram transmitidas oralmente começaram a ser registradas. Estas criações tinham um viés satírico, elaboradas por pensadores que se erguiam contra a opressão, visando criticar e condenar costumes, práticas e figuras que subjugarão a população. Para não serem alvo da tirania, os autores foram forçados a disfarçar suas reais intenções sob um manto de fantasia(CADEMARTÓRI, 1994).

A LITERATURA INFANTIL E SUA ORIGEM

O surgimento da literatura destinada ao público infantil teve como precursor Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com suas obras "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" e outras. Após esse período, surgiram autores como Andersen, Collodi, os irmãos Grimm, Lewis Carroll e Bush. No Brasil, a literatura infantil ganhou destaque com a obra de Andersen "O patinho feio" no século XX. Em seguida, Monteiro Lobato lançou seu primeiro livro "Narizinho Arrebitado", e, mais adiante, vários outros autores que ainda hoje encantam milhares de crianças, despertando o amor e o prazer pela leitura(CADEMARTORI, 1994).

O advento da literatura para crianças apresenta características únicas, uma vez que é fruto da ascensão da classe burguesa, do novo 'status' conferido à infância na sociedade e da reestruturação do sistema escolar. Sua origem deve-se, primeiramente, à sua ligação com a pedagogia, visto que as narrativas eram criadas

para se transformarem em um recurso dela. A criança naquele tempo era enxergada como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos ocorreria somente através de um extenso período de maturação.

A literatura passou a ser considerada um recurso essencial para tal, e os contos coletados das fontes populares foram colocados à serviço dessa missão.

Foi no século XVIII que a criança começou a ser vista como uma entidade distinta dos adultos, possuindo próprias necessidades e características, por isso, deveria afastar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação específica, que a preparasse para a fase adulta. Os primeiros livros voltados ao público infantil apareceram no século XVII. Escritores como La Fontaine e Charles Perrault produziam suas obras, focando principalmente em contos de fadas. A partir desse momento, as conexões entre a escola e a literatura começaram a se fortalecer, já que para ter acesso a livros, era essencial que as crianças dominassem a escrita, e cabia à escola desenvolver essa habilidade.

Segundo Lajolo Zilbermann, “a escola capacita as crianças para a apreciação das obras impressas, atuando como intermediário entre a criança e a sociedade consumidora”(2002, p.25)

Até as duas primeiras décadas do século XX, as obras educativas criadas para a infância tinham um caráter ético-educativo, ou seja, o livro visava exclusivamente educar, fornecer modelos, moldar a criança conforme as expectativas dos adultos.

O trabalho raramente tinha a intenção de transformar a leitura em uma fonte de prazer, retratando a aventura por si mesma. Havia poucas narrativas que abordavam a vida de maneira lúdica, ou que realizavam pequenas incursões ao cotidiano, ou a valorização da amizade focada na camaradagem, no amigo da vizinhança da escola.

Hoje, a dimensão da literatura infantil é consideravelmente mais ampla e significativa.

A LITERATURA E O SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A literatura para crianças propicia um crescimento emocional, social e intelectual indiscutível. Cultivar o entusiasmo e o hábito de ler é um processo contínuo, que se inicia muito cedo, no lar, se aprimora na escola e persiste ao longo da vida. Diversos aspectos influenciam o gosto pela leitura. O primeiro e talvez o mais crucial

é o que se refere ao "ambiente literário", que, conforme Bamberguerd (2000, p.71), a criança encontra em seu lar. A criança que escuta narrativas desde tenra idade, que tem acesso direto a livros e é incentivada, desfrutará de um desenvolvimento benéfico para seu vocabulário, assim como para a prontidão para a leitura.

Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Segundo Bamberguerd (2000), a criança que lê com maior agilidade se torna interessada pela leitura e aprende com mais facilidade.

Nesse contexto, a criança que se mostra curiosa em aprender transforma-se em um leitor competente.

Dessa forma, pode-se afirmar que a habilidade de ler está profundamente associada à motivação. Lamentavelmente, são poucos os pais que realmente se empenham em incentivar essa habilidade em seus filhos.

Outro aspecto que contribui positivamente para a leitura é a influência do educador. Sob essa ótica, é fundamental que o professor exerça um papel significativo: o de ensinar a criança a ler e a apreciar a leitura.

Desde os primeiros anos de escolaridade, já na Educação Infantil, é crucial trabalhar com textos que circulam entre as pessoas, dando destaque à Literatura Infantil.

O contato da criança com materiais de leitura deve ser frequente para que desperte o prazer por essa atividade, tornando-se um hábito e não um evento esporádico.

A LITERATURA JUVENIL COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DO SABER DO ESTUDANTE

A literatura para crianças, quando utilizada de forma apropriada, é um recurso essencial na formação do conhecimento do aluno, levando-o a se abrir para o universo da leitura não apenas como um ato de aprendizado relevante, mas também como uma atividade prazerosa. De acordo com Pires(2000), a literatura infantil torna-se, assim,

fundamental. Os educadores dos primeiros anos do ensino fundamental devem trabalhar com a literatura diariamente, uma vez que ela representa um material crucial que estimula a criatividade infantil e revela os talentos artísticos das crianças. Nessa fase de desenvolvimento, os livros de literatura precisam ser apresentados aos pequenos, em uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que promovam o surgimento do gosto pela literatura, enquanto meio de entretenimento e diversão(PIRES, 2000, p.34).

Por meio das leituras, a criança absorve culturas e conhecimentos que foram acumulados ao longo da história da humanidade, recebendo informações que contribuirão para a formação de seu saber. Contudo, é comum percebermos nas escolas que determinadas obras literárias são deixadas de lado pelos alunos da educação infantil, pois a preocupação com a possibilidade de que as crianças rasguem ou estraguem os livros é notória em algumas instituições. Segundo Magda Soares(apud Maricato, 2005, p. 18), essa atitude dos professores em limitar o acesso aos livros resulta na visão de que eles são entediantes, uma vez que não podem ser manuseados. No entanto, os alunos só aprenderão a ser cuidadosos com os materiais se tiverem a chance de interagir com eles. A criança só poderá desenvolver seu conhecimento sobre leitura se estiver inserida em um ambiente propício ao letramento, que lhe permita vivenciar e participar de momentos de iniciação à leitura.

Ao investigar a introdução à leitura na infância durante a Educação Infantil, observamos quão relevante é a função de mediador do educador, visto que cabe a ele proporcionar aos alunos ambientes propícios à leitura, convertendo esses ambientes em circunstâncias agradáveis de aprendizado. Para conectar o aluno ao mundo literário, é imprescindível que o professor confira à literatura um caráter prazeroso, pois só assim será viável moldar leitores para toda a vida. "O educador em atuação precisa se tornar um leitor, pois as crianças assimilam a leitura através dos gestos de leitura do outro"(BECKER apud MARICATO, 2005, p. 26). "É ao livro, à palavra escrita, que confiamos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens"(COELHO, 2000).

Conforme a perspectiva da autora, percebemos que desde a tenra idade começamos a compreender a noção de mundo e suas transformações; assim, a trajetória para o crescimento se inicia pela linguagem, começando na literatura destinada às crianças. Esta etapa inicial é extremamente significativa, pois desempenha um papel crucial na formação de um novo leitor.

CONTOS DE FADAS: BREVE HISTÓRICO

Os contos de fadas têm sua história entrelaçada por milênios. Em diversas civilizações, em todos os cantos do globo, existem fábulas com estruturas e tramas análogas às histórias que reconhecemos atualmente, as quais têm raízes na Europa. Para ilustrar, o conto de Cinderela possui uma versão documentada muito parecida datando da China do século IX d.C.(ABRAMOVICH, 1995, P. 120).

A própria gênese da literatura infantil, tal como a concebemos, se mescla ao registro escrito dos contos de fadas(considerando que eles já eram veiculados na tradição oral muito antes disso).

Considerado por muitos como o pioneiro na literatura infantil, no século XVII, o francês Charles Perrault foi o primeiro a reunir e sistematizar contos de fadas em um volume.(CADEMARTORI, 1986). Embora Perrault tenha produzido diversas obras destinadas a adultos, sua fama perdura por conta do único livro que escreveu voltado para o público infantil, 'Contos da Mãe Gansa'. Na Alemanha do século XIX, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm também desempenharam um papel importante na coleta de contos populares. Sendo filólogos, a motivação inicial deles era reunir essas histórias para analisar a língua alemã e documentar seu folclore, com o objetivo de resgatar a veracidade histórica da nação.

As narrativas que foram reunidas receberam publicação nos dois volumes da obra "Contos da Criança e do Lar", que nunca teve a intenção de ser um livro voltado para o público infantil(considerando seu propósito original), mas que acabou sendo adotado e apreciado por crianças e famílias ao redor do mundo. Os irmãos Grimm são reconhecidos por terem registrado suas histórias em suas formas autênticas, sem as adaptações e lições morais de Perrault. Foi após a divulgação de suas obras que a literatura destinada ao público infantil realmente emergiu, com diversos autores globais escrevendo para as crianças. Contos de fadas, mitos, fábulas, narrativas, lendas, entre outros, são temas que cativam e fomentam a imaginação dos adultos e, principalmente, das crianças, estimulando a criatividade e a percepção. Mais do que isso: a fantasia contribui para a formação da identidade dos indivíduos, por meio da assimilação dos valores que estão presentes, seja de forma explícita ou implícita, nas histórias para o público jovem.

As histórias encantadas cativam. Isso ocorre porque são deslumbrantemente transmitidas através da tradição oral, de maneira intergeracional, ou seja, de uma

geração a outra, em momentos mágicos que conectam as infâncias (a infância de uma criança com a infância de um adulto que foi criança). Além disso, este é um dos raros recursos que possuímos - e temos poucos recursos, especialmente se compararmos com as habilidades psicológicas do adulto - quando somos pequenos, para enfrentar situações indesejadas e resolver conflitos internos. De fato, é uma maneira de proteger os pequenos, pois, por meio delas, a criança enfrenta seus medos e emoções.

Outro ponto importante dos contos populares é a expectativa que eles geram: o final feliz, a metamorfose, ocasionalmente o perdão e, mais frequentemente, a punição exemplar, que sugerem equidade, alimentam a esperança, crença no amanhã. Mais uma razão pela qual essas narrativas são tão cativantes é o fato de que abordam os temas perturbadores da experiência humana: a origem da existência, a morte, o abandono, a orfandade e também a sexualidade. Por fim, essas histórias, ilustrações e canções exploram a criação e a vivência de mundos fictícios, universos que não existem, mas, quem sabe?

De acordo com Fortuna(2005, p.1), diversos são os fatores que encantam as crianças nas histórias de fadas. É importante aqui esclarecer como a fantasia infantil está sendo expandida; isto é, como um espaço de liberdade e uma forma de ascensão em direção ao que é possível, seja realizável ou não. Sensível ao novo, a criatividade, como lembra Machado(2002), tem suas raízes nos mitos e tradições orais, alguns datados do século II d.C. Essas histórias evoluíram e continuam a sofrer mudanças em sua forma, não apenas por motivos externos, mas também por influências internas dos próprios narradores. Nas versões registradas por Perrault(apud MACHADO, 2002), por exemplo, são incluídos ensinamentos morais, visto que essas narrativas eram empregadas como ferramentas para reforçar boas maneiras, comportamentos e ações.

Além disso, os contos originais foram transformados, pois apresentavam tramas que surpreendiam e aterrorizavam até mesmo os adultos. Inicialmente, não tinham a intenção de serem voltados para as crianças; eram, na verdade, criações folclóricas, feitas por artistas anônimos do povo, que resistiram e se difundiram amplamente graças à lembrança e à habilidade narrativa de gerações de contadores diversos, que dedicavam parte das longas noites de uma época sem eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo histórias" (Machado, 2002, p. 69).

Os contos de fadas, ao longo da história e de maneira geral, mantiveram sua estrutura fundamental: o eterno embate entre o bem e o mal. Elas também apresentam uma configuração simples (contexto inicial - disputa - busca por solução - resultado positivo) e por solucionarem problemas através da fantasia, tornam-se acessíveis para as crianças, alinhando-se às características do seu pensamento mágico (AGUIAR, 2001). Isso ocorre porque essas narrativas se baseiam nas emoções humanas que são transformadas em personagens fictícios de um reino de imaginação, refletindo nós mesmos e nosso universo interior.

Talvez por essa razão, independentemente da idade, somos afetados de forma tão intensa por essas histórias.

Nesse contexto, a literatura voltada para o público infantil, especialmente os contos de fadas, pode desempenhar um papel crucial na formação da identidade da criança e na sua percepção do mundo ao seu redor.

O maniqueísmo que classifica as personagens em virtuosas e vilãs, lindas e feias, fortes ou frágeis, etc., ajuda a criança a assimilar certos princípios fundamentais da moralidade humana e da convivência social. Essa dualidade, expressa através de uma linguagem simbólica, não interfere negativamente no desenvolvimento de sua consciência ética durante a infância. No universo dos contos de fadas, as crianças se deparam, na verdade, com categorias de valor que permanecem eternas.

O que realmente muda é apenas o conteúdo identificado como “bom” ou “mau”, “certo” ou “errado”.

O ESTÍMULO AO HÁBITO DA LEITURA

No nosso país, poucas crianças cultivam o hábito da leitura. A maioria delas tem seu primeiro contato com a literatura quando ingressa na escola. A partir daí, isso se torna uma obrigação, pois lamentavelmente muitos educadores não têm afinidade com a literatura infantil, e possivelmente desconhecem métodos que ajudem a “animar as narrativas” e, por consequência, gerem aprendizado. Muitos não consideram o gosto e a idade em que a criança se encontra, resultando muitas vezes em livros sugeridos ou lidos que estão acima da capacidade de entendimento dela, no que diz respeito à linguagem. Uma narrativa proporciona inúmeras possibilidades de aprendizado. Dentre elas estão os valores extraídos do texto, que podem ser

debatidos com as crianças, favorecendo a troca de ideias e o aprimoramento de sua habilidade de expressão.

A conexão entre os comportamentos dos personagens da narrativa e as ações das crianças em nossa sociedade permite que o educador explore os diversos elementos pedagógicos da literatura infantil. Professores que apresentam doses diárias de leitura prazerosa, de maneira descontraída e natural, cultivarão nas crianças um hábito que elas levarão para toda a vida. Para estabelecer um programa de leitura harmonioso, que inclua os conteúdos do currículo escolar e ofereça uma variedade de obras, como contos, fábulas e poesias, é fundamental que o professor leve em conta a idade da criança e, principalmente, o estágio de sua capacidade de leitura. Em um mundo repleto de tecnologias, onde informações, músicas, jogos e filmes podem ser compartilhados por e-mail, CDs e DVDs, o papel do livro parece ter sido relegado ao esquecimento.

Há muitos que acreditam ser uma relíquia do passado, que na era digital não faz muita diferença. No entanto, aqueles que compreendem a relevância da literatura na vida de um indivíduo, que reconhecem o impacto que uma boa narrativa pode ter, e que conhecem os privilégios que uma simples história pode oferecer, certamente afirmaram que nenhuma tecnologia existente substitui a satisfação de folhear um livro e descobrir nele um universo repleto de encantamento. Momentos gratificantes com a literatura infantil em sala de aula são aqueles em que as crianças interagem com os diversos textos abordados de maneira a facilitar a compreensão do mundo em que habitam, e que, gradualmente, constroem seu próprio saber.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 1996, p.13).

Ao introduzir a literatura voltada para crianças na sala de aula, o educador estabelece um vínculo dialógico com o aluno, com a obra, com sua cultura e com a realidade em si. Além de narrar ou ler a narrativa, ele cria condições para que a criança interaja com a história a partir de sua perspectiva, trocando impressões sobre ela, assumindo posturas em relação aos eventos descritos, defendendo atitudes e personagens, e criando novas situações através das quais as próprias crianças vão

elaborando uma nova narrativa. Uma narrativa que refletirá alguma experiência da criança, ou seja, sua própria trajetória.

Portanto, a conquista do pequeno leitor ocorre mediante a relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se entrelaçam em uma realidade singular, e o levam a vivenciar emoções em conjunto com os personagens da história, introduzindo assim elementos da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta análise sucinta, observamos que não é imprescindível aguardar a alfabetização formal para que as crianças possam se engajar na leitura dos contos infantis. Assim, está aqui afirmado que ler, narrar e escutar histórias não são ações passivas, mas sim trilhas repletas de diversas oportunidades a serem exploradas com as crianças do ensino infantil.

Delimitar o tópico exige uma análise mais atenta do tema, sem que se deixem passar algumas mensagens presentes nas narrativas, sem que se desconsidere seu suporte para a aprendizagem. A literatura infantil tem como instrumento essencial, motivar na criança o hábito positivo de escutar histórias, visto que é nessa fase que se tornam sujeitos potenciais à leitura. E com isso se assegura não apenas futuros leitores, mas o que se torna evidente são caminhos infinitos que o simples ato de ler nos proporciona. Bruno Bettelheim afirma que o conto de fadas exerce um efeito terapêutico à medida que a criança encontra uma resolução para suas incertezas através da reflexão sobre o que a narrativa parece sugerir a respeito de seus conflitos pessoais nesse estágio da vida.

O conto de fadas não aborda questões do mundo exterior, mas sim os processos internos que se desenrolam no cerne das emoções e pensamentos. As crianças compreendem com facilidade a linguagem dos símbolos presentes nas narrativas. Elas são as criadoras do cotidiano lúdico do “faz de conta” e de muitos outros jogos que garantem diversão e entretenimento em momentos passados entre a fantasia e a realidade. Dentre as inúmeras heranças simbólicas que circulam de geração em geração, a relevância da ficção no seio familiar é, sem dúvida, incalculável, pois não há infância sem a presença da ficção. Contos não asseguram felicidade ou sucesso na vida, mas auxiliam. De fato, um toque de otimismo é

fundamental, já que, embora a ficção não possua o poder de transformar o mundo, ela, ao menos, o enriquece.

Pois uma vida plena é composta por histórias: aquelas que vivemos, aquelas que narramos e aquelas que nos são narradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997, p. 17.

AMBERGUERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: paz, e terra, 1996, p.13 e 20.

CADEMARTORI, Lúcia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, Análise, didática**. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática. 2002, p.25.

MACHADO, A. M. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro, editora: Objetiva, 2002. p. 45, 69, 146.

MARICATO, Adriana. **O prazer da leitura se ensina**. Editora: Crianças. Brasília. S/v, n.40, p.18-26, set. 2005.

PIRES, Dileia Helena de Oliveira. **“Livro... Eterno livro...”** In: Releitura. Belo Horizonte: Março de 2000, vol.14, p.34

_____. PCNS, **Referencial Curricular para educação infantil**, 1998.